

ANÁLISE DA INTERAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO EM SITUAÇÃO DE BRINCADEIRA LIVRE

No espaço exterior de uma Creche

Catarina Raquel Galhofas da Silva

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

Setembro de 2015

Versão Definitiva



Instituto Superior de Educação e Ciências

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS
Escola de Educação

Provas destinadas à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar

**ANÁLISE DA INTERAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO EM SITUAÇÃO DE
BRINCADEIRA LIVRE**

No espaço exterior de uma Creche

Autora: **Catarina Raquel Galhofas da Silva**

Orientadora: **Cláudia Susana Rosa Correia da Rocha e Silva**

Setembro de 2015

Agradecimentos

Este trabalho de investigação não teria sido possível sem o apoio dos que me acompanharam nesta caminhada.

Este espaço não será suficiente para expor os meus agradecimentos a todas as pessoas que me ajudaram a tornar este sonho possível, particularmente ao longo da minha Licenciatura e Mestrado em Educação Pré-Escolar e que me ajudaram a cumprir os meus objetivos e a realizar mais uma importante e marcante etapa da minha vida.

Assim, quero agradecer à minha família, à minha Mãe pelas suas palavras de incentivo e coragem, ao meu Pai que esteve sempre pronto para me ajudar nos trabalhos e me incentivava sempre da melhor maneira e à minha Avó, um enorme obrigada por acreditarem sempre no que faço e por todos os ensinamentos da vida, que me permitiram ser a pessoa que sou hoje e chegar até aqui.

Quero agradecer também ao meu namorado por todo o apoio e ajuda que me deu, pelas palavras de força e carinho nesta altura da minha vida.

À instituição onde realizei o meu estágio que me possibilitou a sua realização e também aos Pais que sem eles a elaboração desta tese não teria sido possível. Às educadoras que me apoiaram e estiveram sempre prontas a ajudar.

E, de modo particular, à minha orientadora, Cláudia Susana Rosa Correia da Rocha e Silva, que sempre me ajudou durante o processo de investigação, para a construção desta Dissertação de Mestrado.

Resumo

“O espaço exterior é um local privilegiado de recreio onde as crianças têm possibilidade de explorar e recriar o espaço e os materiais disponíveis.” (OCEPE)

A brincadeira livre no espaço exterior da creche é um contexto potenciador da interação entre as crianças tornando-as mais felizes, mais criativas e sobretudo promotora de um crescimento saudável.

Este estudo consiste numa investigação na área de educação infantil sobre a Brincadeira Livre (BL) no espaço exterior e a observação dos comportamentos evidenciados durante este mesmo período.

O objetivo deste trabalho foi a observação e registo de imagens das brincadeiras livres de um grupo de crianças de uma sala de dois anos.

Foram registadas, por meio audiovisual, as interações de 17 crianças de uma creche privada na região de Lisboa, ao longo de 5 dias consecutivos, perfazendo um total de 150 minutos. Os comportamentos foram analisados de acordo com uma grelha especificamente criada para este estudo, na qual se registaram as frequências dos seus comportamentos comunicativos no contexto da BL.

Através deste registo, constatou-se que a maioria das crianças deste grupo gosta mais de observar outras crianças em situação de BL, outras gostam de brincar sozinhas ou acompanhadas e usam a expressão facial para expressar emoções (contentamento, desagrado, etc.), estes foram os pontos mais evidenciados na grelha de comportamentos.

Concluimos que a BL é uma forma de promoção de condições favoráveis para a comunicação e contribui para a aprendizagem e estimulação do desenvolvimento infantil nesta vertente.

Palavras-chave

Brincadeira Livre; dois anos; comportamento; comunicação; aprendizagem; desenvolvimento; espaço exterior

Abstract

Playground is a privileged context in which children are able to explore, to manipulate and recreate available toys and materials.

Outdoor activities are also known for their potentiate effect on children interactions, making them happier, more creative and, above all, a healthy development. This research focuses on children's play outside.

We collected videos (images and sound) of a group of 17 children two years old playing.

These videos were recorded in a private nursery in Lisbon, over 5 consecutive days, along 150 minutes. Behaviors were then analysed according a checklist of communicative behaviours during interactions. This checklist was specifically created for this study.

We found that most children of this group preferred to watch other children playing, some preferred to play alone, other preferred to play in small groups. Facial expressions are a very frequent nonverbal behaviour and are used to express emotions (joy, displeasure, etc)

We conclude that Free Play is a privileged context to promote favorable conditions for communication and contributes to children's learning and development process.

Keywords:

Free play; two years; behaviour ; communication; learning; development; outer space

IV Índice de Figuras/Tabelas/Quadros

Figura 1- Aponta para partilhar um interesse	29
Figura 2- Pede ajuda ao adulto	31
Figura 3- Volta-se quando é chamado pelo seu nome.....	32
Figura 4- Estabelece contacto ocular com o colega	33
Figura 5- Faz de conta usando um objeto.....	34
Figura 6- Observa outras crianças	35
Figura 7- Inicia a interação.....	36
Figura 8- Brinca sozinho	37
Figura 9- Não Interage.....	38
Figura 10- Usa gestos enquanto brinca.....	39
Figura 11- Brinca com um ou mais colegas	39
Figura 12- Expressão Facial	40
Figura 13- Responde ao adulto	41

V Lista de abreviaturas/siglas

OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

BL - Brincadeira Livre

EPE - Educação Pré-Escolar

Índice

1.Introdução	10
2.Quadro de referência teórico	12
2.1. <i>O significado do brincar</i>	12
2.2.Comunicação e Brincadeira Livre	13
2.3.Evolução da Linguagem e Comunicação.....	15
2.3.1. O contributo da Brincadeira Livre para a evolução da linguagem e comunicação.....	17
2.4.Sinais de alarme no desenvolvimento da linguagem e comunicação.....	17
2.5.Análise das situações de Brincadeira Livre na creche.....	19
2.6.O espaço exterior como contexto privilegiado de observação da interação entre as crianças	20
3.Problematização e metodologia.....	21
3.1.Problema, objetivos e questões de investigação	21
3.2.Paradigma	22
3.3. <i>Design</i> do estudo.....	23
3.4.Participantes/Amostra	23
3.5.Instrumentos de recolha de dados	24
3.5.1.Construção do instrumento.....	24
3.6.Recolha de dados	26
3.7.Tratamento e análise de dados	27
3.8.Caracterização do espaço.....	28
3.8.1.Recolha de imagens.....	28
4.Resultados e discussão	28
5.Limitações	44
6.Considerações finais	45
7.Bibliografia.....	46

Anexos.....	49
Anexo 1 - Comportamentos evidenciados.....	50
Anexo 2 - Informação aos pais.....	51

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo a análise da interação e da comunicação em situação de brincadeira ao ar livre e foi desenvolvido no âmbito do Mestrado de Qualificação para a docência em Educação Pré-Escolar do Instituto Superior de Educação e Ciências.

O tema deste relatório foi escolhido depois de inúmeras notas de campo, situações observadas durante as horas de estágio e conversas com a educadora.

Este estudo surgiu quando estava a realizar o meu estágio. A escola onde estagiei era apologista da brincadeira nos espaços exteriores.

“A primeira infância é o tempo por excelência, de experimentar, sentir e começar a compreender o que nos rodeia. É um tempo onde a exploração sensorial e o estímulo passam a ter um papel fundamental e determinante no desenvolvimento das crianças. É o tempo de criar gostos, vontades e desejos.” (Projeto Educativo da escola do estágio, p.4)

Nos dias que correm, as crianças são muito protegidas pelos adultos, pais, familiares e até mesmo educadores, com os riscos existentes na nossa sociedade (Ribeiro, 2010). Necessitam de saber como se ultrapassam os obstáculos que vão surgindo à sua frente e, para isso, precisam de explorar, brincar, conhecer, ainda que sob supervisão.

Rosado (2014) afirma que a brincadeira é fundamental para o desenvolvimento da construção da identidade, da conquista da autonomia e da curiosidade, proporcionando o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e atenção. Brincar é experimentar e aprender logo desde o nascimento.

A brincadeira tem vindo a ser estudada no campo científico por diversas razões. Neste trabalho, será analisada a interação e a comunicação das crianças no espaço exterior.

Este estudo tem como objetivo a recolha de informação sobre a forma de brincar nos espaços exteriores e analisar os comportamentos comunicativos envolvidos nessas atividades lúdicas para posteriormente se proceder à análise das observações efetuadas mediante as teorias de alguns autores.

Inicialmente foram recolhidas imagens e tratadas de acordo com uma grelha de observação onde foram registadas as frequências dos comportamentos observados no decorrer das interações das crianças do grupo de estágio.

Este relatório baseia-se em pressupostos teóricos, resultados de pesquisas e na apresentação de evidências sobre as contribuições que a brincadeira oferece ao desenvolvimento infantil, às aprendizagens e à comunicação.

Num primeiro momento, vai-se abordar o tema da BL, a nível da comunicação, evolução da linguagem e vão ser referidos alguns sinais de alarme na comunicação das crianças.

Seguidamente, será apresentado o problema e a metodologia do trabalho, e por fim concluiremos, apresentando as principais ilações que o estudo nos permitiu construir, deixando algumas pistas para futuras investigações.

.0.

2. Quadro de referência teórico

2.1. *O significado do brincar*

Silva (2012) diz que a brincadeira surge juntamente com o crescimento da criança, nascemos sem nada saber, mas temos potencial de aprendizagem contribuindo para o desenvolvimento da personalidade. Desde a Pré-história que diferentes culturas usavam a brincadeira como atividades diárias, necessárias ao desenvolvimento da criança. Nesta altura, as brincadeiras resumiam-se mais em função do mundo dos adultos porque nesta época a criança era preparada para ser um adulto.

No século XVII e XVIII, a criança já foi valorizada de maneira diferente, já possuía valores próprios distintos do adulto.

Rousseau (1999), citado por Silva (2012) refere que a criança nunca mais vai ser considerada um adulto em miniatura, pois tem características próprias, ou seja, não é necessário impor-lhe regras.

“A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perturbar essa ordem, produzimos frutos precoces, que não terão maturação nem sabor e não tardarão em corromper-se; teremos jovens doutores e crianças velhas”. (Rousseau, 1999 citado por Nascimento 2012 p.12)

Lira & Rubio (2014) esclarece que *o brincar na educação infantil é crucial para a criança descobrir e aprender novas coisas, por si própria, sem intervenção dos adultos e no seu devido tempo (p.1).*

É através da brincadeira que a criança cria relações de conhecimento consigo, com os outros e com o mundo. O espaço e o meio envolvente também são importantes para o desenvolvimento das interações sociais e contribuem para o crescimento da criança, tanto a nível social como cognitivo (Lira e Rubio, 2014).

As brincadeiras servem de apoio para a ação didática, promovendo a obtenção de conhecimentos.

Para Piaget (1973), citado por Nascimento (2012), a brincadeira e o jogo são essenciais para o processo de aprendizagem. Quando a criança brinca, faz uma interpretação do mundo à sua maneira.

2.2. Comunicação e Brincadeira Livre

As situações de brincadeira nos espaços exteriores são um importante meio de promoção das interações entre as crianças, uma forma de se conhecerem e de partilhar ideias para que a brincadeira se desenvolva.

O uso da linguagem possibilita à criança a troca de informações com os outros, mas devido ao egocentrismo, o diálogo é praticamente inexistente (Borges, 1987, citado por Costa 2012). Nas brincadeiras, observa-se que as crianças quando falam não se interessam com as respostas que os outros dão.

Segundo Galante (2015), a brincadeira de “*faz de conta*” e os jogos são característicos da criança que aprende a falar, e que já é capaz de representar simbolicamente e de desenvolver uma situação imaginária.

Winnicott (s.d) citado por Teixeira, (2004), refere que é apenas no brincar que a criança pode ser criativa e com isso ela descobre o *eu*. O brincar é visto como uma forma de aprendizagem e como parte fundamental do processo educativo.

Fantacholi (2011) concorda com a ideia de que as crianças em idade pré-escolar realizam diversos tipos de brincadeiras, têm diferentes formas de brincar e brincam com coisas diferentes. Primeiro, começam a brincar sozinhas, depois passam a brincar ao lado de outras crianças, mas não brincam com elas, e daí avançam para a brincadeira cooperativa por serem capazes de interagirem umas com as outras.

As brincadeiras proporcionam a espontaneidade, a desinibição, a liberdade, a integração, a coordenação, a participação em grupo, ajudam nas relações interpessoais, auxiliam no desenvolvimento da comunicação verbal e não-verbal e na aquisição de valores (Lira e Rubio 2014).

Lira e Rubio (2014) referem que as cantigas, as lengalengas e as brincadeiras de roda permitem a expansão da criatividade, desenvolvem a atenção, a aproximação entre as crianças, o conhecimento e a valorização da cultura, a expressão oral e a audição.

Silva (2010) diz-nos que a brincadeira ao ar livre é importante para a criança. De acordo com Ferland (2006) citado por Silva (2010), a brincadeira ao ar livre proporciona à criança o contacto com novas experiências, algumas delas impossíveis de realizar no espaço interior.

Através de atividades como abrir um buraco na terra, correr, andar de mota ou até mesmo observar um pássaro, refere Ferland (2006) citado por Silva (2010) que a

criança está a desvendar a natureza. Também, segundo o autor, os acessórios de jogo ao ar livre, como os baloiços, as bolas, o escorrega, a caixa de areia, entre outros, oferecem à criança experiências novas, *“convidando-a particularmente a mexer-se e a deslocar-se, favorecendo jogos motores e, desta forma, um dos mais saudáveis gastos de energia.”* (p.96)

Desta forma, poderemos reconhecer que no ato de brincar está implícita a liberdade com que o mesmo é desenvolvido pela criança e, como refere Garvey (1992) citado por Silva (2010), o brincar é uma atividade espontânea e voluntária e ainda escolhida livremente por quem brinca.

Assim, a criança poderá gostar mais de brincar no recreio, porque este é o tempo em que brincam livremente e fortalecem as relações com os amigos (Silva, 2010).

A brincadeira também é uma importante fonte de comunicação, pois é na brincadeira que a criança brinca ao *faz de conta*, imagina que está a conversar com alguém ou com os seus próprios brinquedos. Assim, a linguagem, enquanto código para comunicar (Cordazzo e Vieira, 2007) é desenvolvida com a ampliação do vocabulário e com a pronúncia das palavras e frases.

2.3. Evolução da Linguagem e Comunicação

Segundo Sim-Sim et al (1998), a comunicação é um processo através do qual se dá a troca de informação entre, pelo menos, duas pessoas, com o intuito de partilhar necessidades, experiências, desejos, sentimentos e ideias.

Como indicam as O.C.E.P.E, o domínio da linguagem oral é um objetivo essencial na educação pré-escolar. Ouvir, conversar, criar espaços para o diálogo, estimular a expressão oral e o desejo de comunicar favorecem o desenvolvimento da competência comunicativa, em geral, e o desenvolvimento da linguagem oral, em particular.

Cordeiro (2008) citado por Rosado (2014) afirma que para as crianças poderem falar, precisam primeiro de ouvir falar. *E ouvir não é só com os ouvidos, mas também com a visão, o cheiro e o afeto.*

Rigolet (2000) fala-nos que o desenvolvimento precoce representa a fase dos mais importantes progressos linguísticos da criança e acontece entre 1 ano, até aproximadamente, aos 6 anos de idade. Esta primeira fase do desenvolvimento linguístico da criança acontece antes desta entrar para a escola primária.

Segundo Cordeiro (2008) citado por Rosado (2014), no segundo ano de vida, as crianças reproduzem algumas palavras, como por exemplo “mamã”, “papá”, “água”, “cão”.

Segundo Sim-Sim & et al (2008), a *capacidade de aprendizagem, associada ao interesse e à necessidade progressiva, e também pelo gosto de saber e pelo sucesso, faz com que entre os 18 meses e os 5 anos as crianças aprendam em média 9 palavras por dia.*

Brazelton (2006) afirma que uma criança nesta faixa etária já emprega frases com verbos e começa a utilizar adjetivos e advérbios.

Rigolet (2000) diz que a nível fonético-fonológico, a criança com 2 anos já produz fonemas, sons específicos da língua.

“O /p/ e /a/ inauguram a aquisição das consoantes, pode-se dizer que existe um contraste articulatorio maximal.

Os fonemas diferenciam-se segundo dois eixos: o eixo dos graves aos agudos e dos compactos aos difusos (/p/ /t/ /k/), e o eixo das vogais orais e nasais, construtivas surdas e sonoras (f, s, ch / v, z, j) e as laterais (l, r) que são mais difíceis de reproduzir.

Até aos 2 anos, a criança passa por uma fase rápida de desenvolvimento fonético-fonológico.

A mesma autora faz referência a diversas estratégias para ajudar a criança na aquisição do sistema fonético-fonológico.

A primeira estratégia consiste na substituição dos fonemas mais difíceis por fonemas mais simples de articular, ou seja, uma troca de letras. Ex.: “tapato” em vez de “sapato”.

Outra das estratégias seria a da supressão do fonema, isto é, quando retiram letras da palavra, por exemplo, “espingarda” fica “espingada”.

A reduplicação da mesma sílaba, é outra estratégia que as crianças utilizam, por exemplo, “papato” em vez de “sapato”.

A última estratégia é a assimilação, ou seja, há uma troca de sílabas na palavra, por exemplo, pequenina/quepininina, um som que estava em segundo lugar passa para primeiro e origina uma repetição de sílabas. (pp. 54-55)

É por volta dos 30 meses que se verifica uma fase de generalização dos enunciados com 3 palavras, uma crescente complexidade linguística e a emergência da fase dos "porquês" (Rigolet, 2000):

A criança vai ter ideias mais rápidas do que o seu nível linguístico e algumas delas passam pela fase da gaguez fisiológica, que passará num intervalo de 6 meses, parecendo obedecer a um mecanismo interno no desenvolvimento, normal para esta idade.

A criança começa a dizer a primeira palavra, deixando-a a meio e começando outra, por exemplo, *a princ, o príncipe, não o rei*, composta por autocorreções.

A nível semântico, a criança vai começar a aplicar alguma ênfase no verbo, como faz com os substantivos.

Os enunciados passam a ter mais palavras introduzidas em diferentes categorias semântico-estruturais e morfossintáticas (complexificação da morfologia em complexificação com a sintaxe) e passam a exprimir mais relações semânticas dentro do mesmo enunciado.

Nesta idade, a criança já interpreta enunciados, utiliza os artigos, particularmente os definidos, o singular e o plural.

Aos 2,5 anos aparecem algumas preposições adquiridas em pares de oposição. A partir desta idade, aparecem ainda algumas conjunções com “e”, “mas”, “pois””. (pp. 60-67)

Araújo (2010) citado por Johnson et al (2009), Schirmer et al (2004) afirma que o sinal de atraso na linguagem pode atingir a compreensão e a expressão verbal, a criança poderá ter um vocabulário restrito, dificuldades em elaborar frases, usar pouco a

linguagem, falando mais por gestos ou expressões faciais, ter dificuldades de compreensão, incapacidade para relatar factos ou acontecimentos vivenciados, fala incompreensível, maior parte das vezes acompanhada de distúrbios articulatórios (p.171).

A comunicação verbal como a não-verbal é essencial no desenvolvimento infantil. Possíveis *deficits* na capacidade comunicativa da criança podem gerar graves consequências (Backes et al (s.d)).

Antes de a criança começar a falar, já está habituada a usar o olhar, a expressão facial e o gesto para comunicar com os outros (Schirmer et al, 2004).

2.3.1. O contributo da Brincadeira Livre para a evolução da linguagem e comunicação

Segundo Sestini (2008), as capacidades de comunicação das crianças vão sendo sempre estimuladas em qualquer situação, mas mais concretamente em contexto de BL, para isso será importante que a linguagem verbal e gestual fizesse parte das interações sociais infantis.

Como refere Brannigan e Humphries (1981, citado por Sestini, 2008) embora as crianças nesta faixa etária utilizem a fala para comunicar com os adultos, ainda a utilizam com pouca frequência durante o período de BL de grupo, utilizando mais os gestos e as expressões faciais para comunicarem com os colegas.

A utilização da linguagem possibilita a troca de informações entre as crianças, mas devido ao egocentrismo, o diálogo é praticamente inexistente.

2.4. Sinais de alarme no desenvolvimento da linguagem e comunicação

São considerados sinais de alarme no desenvolvimento da linguagem quando a criança entre os 24 e os 36 meses utiliza apenas duas palavras e não forma frases e quando nos 36 aos 48 meses utiliza discursos ininteligíveis e não forma frases simples (Rebelo e Vital, 2006).

De acordo com Duarte (2013), a linguagem é complexa:

vai desde o ouvir o que se diz até poder expressar a resposta ou os sentimentos, e tudo o que, desde o ouvido ao sistema fonatório, passando pelas áreas cerebrais,

está envolvido neste sistema, as causas de uma perturbação da linguagem poderão ser múltiplas e variadas.

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem podem ser influenciados pelo meio onde estão inseridos (Sim-Sim, 1998).

As crianças podem apresentar problemas na fala ou na linguagem.

Quando a fala é afetada, a compreensibilidade é restrita, relativamente a um défice fonológico que envolve perturbações na reprodução dos sons da língua (Fonseca, 2011).

Como referem Castelo e Fernandes (2009) existem várias perturbações da linguagem, desde problemas de articulação a afasias de expressão ou compreensão. Dentro das etiologias possíveis incluem-se anomalias associadas a dificuldades alimentares, défice auditivo, atraso global do desenvolvimento e perturbações do espectro do autismo.

Noutras situações, pode ocorrer o chamado mutismo seletivo, em que a criança só fala em determinados ambientes. Por exemplo, não fala na escola e comunica normalmente em casa, ou não fala com os adultos e, nas brincadeiras com os amigos, fala.

Como já referido anteriormente, aos 36 meses, a criança entra na fase dos “porquês”, muitas das vezes esta não está interessada nas respostas dadas pelos adultos, mas sim na formulação da pergunta (Sim-Sim, 1998).

Quando as crianças convivem em ambientes verbalmente estimulantes, aprendem novos conceitos, alargam o vocabulário, adquirem um maior domínio da expressão oral e aprendem a ter prazer em brincar com as palavras, inventar sons e descobrir as relações entre essas mesmas palavras (Sim-Sim, 1998).

Duarte (2013) refere que os gestos, as expressões faciais, as ações e as palavras escritas, são considerados vias não-verbais e possuem informação que é descodificada pelas pessoas que estão à nossa volta.

Brazelton (2006) diz que uma criança que não fale utiliza outra forma de comunicar, através da linguagem gestual.

Se a criança conseguir fazer gestos claros e usar a linguagem corporal, é porque já compreende os códigos comunicativos. A linguagem gestual também se pode observar em crianças que já falam e que não consigam exprimir o que pretendem. Apontam e exprimem os seus desejos. (Brazelton, 2006, pp.220)

2.5. Análise das situações de Brincadeira Livre na creche

A partir da análise da interação e da comunicação em situação de Brincadeira Livre no exterior no decorrer das interações das crianças, identificaram-se algumas situações frequentes que se passam a citar seguidamente:

Tira algo ao colega

Rosado (2014) afirma que:

A relação com as outras crianças, no que diz respeito ao comportamento, começa por ser um pouco complicado, pois tem um grande sentido de posse, não querendo partilhar os seus brinquedos, reagindo com choro ou agressividade quando lhe é retirado algum. Desta forma, brinca sozinha, criando ambientes imaginários (p.23).

Brinca sozinho

Rosado (2014) afirma que:

As crianças brincam lado a lado, mas não umas com as outras. “Na presença de outras crianças, cada um brinca separadamente, ignorando-se mutuamente. As crianças, desta idade são muito egocêntricas nas suas brincadeiras e não admitem confiança ou até mesmo invasões de território (p.21)”

Enquanto a criança não atinge os trinta e seis meses, não diferencia a brincadeira e a realidade (Piaget, 1969 citado por Rosado, 2014). A partir dessa altura, reconhecem que existem diferenças entre elas. É neste momento que começam a ocupar grande parte do tempo a brincar. (p.21)

Expressões Faciais

A expressão facial faz parte da comunicação não verbal e permite à criança expressar as suas emoções.

Com a análise desta situação, procurou-se perceber qual era o significado que tinham as expressões faciais nas BL das crianças.

Em alguns grupos de crianças, verificam-se particularidades em relação à sua expressão facial.

Ao nível das componentes da expressão emocional, foram encontradas associações entre perturbações de défice de atenção e hiperatividade com uma maior expressividade da criança, associada a mudanças mais bruscas nas

expressões faciais durante uma tarefa de jogo conjunto (Casey, 1996, citado por Melo, 2005 p.42).

Inicia a interação

Hage et al (2012) referem que o brincar faz parte da aprendizagem desde o nascimento, é neste espaço de tempo que a criança aprende a ser sociável, conviver com o ambiente e perceber o mundo adulto.

Costa (2012) afirma *que ao nível social, a criança tende a imitar os adultos que as acompanham, as suas interações com outras crianças são ainda limitadas, pelo que as brincadeiras decorrem sobretudo, em paralelo e não em interação (p.15).*

2.6. O espaço exterior como contexto privilegiado de observação da interação entre as crianças

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, podemos concluir que:.

“O espaço exterior possibilita a vivência de situações educativas intencionalmente planeadas e a realização de atividades informais. Esta dupla função exige que a sua organização seja cuidadosamente pensada, devendo os equipamentos e materiais corresponder a critérios de qualidade, com particular atenção às condições de segurança.” (Ministério da Educação, 1997, p. 39).

Carvalho (2011) afirma que o espaço exterior permite diversos processos de socialização e de cooperação oferecendo também a possibilidade das crianças se relacionarem com crianças de outras salas e com outros adultos.

As crianças têm ainda a oportunidade de utilizar nas suas BL, materiais e objetos e de estar em contacto direto com elementos da natureza. É importante realçar que a criança dispõe de um espaço amplo onde é possível adquirir de uma forma progressiva, habilidades motoras e onde pode deslocar-se livremente (Carvalho, 2011).

A maneira como o espaço de recreio está organizado e a existência de materiais para as atividades livres, são cruciais para proporcionar autonomia nas crianças. Assim, elas têm a possibilidade de escolher livremente os seus brinquedos e de os manusear da

melhor forma, contribuindo também para a partilha de brinquedos e interação entre as crianças.

3. Problematização e metodologia

3.1. Problema, objetivos e questões de investigação

A brincadeira no exterior deve ser promovida e as crianças devem ser livres na exploração do espaço que têm e da forma que quiserem, mesmo podendo correr alguns riscos necessários para a descoberta dos perigos existentes.

Os benefícios acima descritos, no que se refere ao saudável desenvolvimento da linguagem e comunicação, ditam que a BL no exterior seja um contexto privilegiado na EPE.

As questões que este estudo pretende analisar são:

1. Como é que as crianças brincam livremente no espaço exterior?
2. Quais são as principais características observadas na brincadeira livre em termos de comunicação e interação por parte das crianças?
3. Pela observação de um grupo heterogéneo de crianças de 2 e 3 anos de idade é possível encontrar evoluções ao nível do comportamento lúdico?
4. Existe um efeito de género na Brincadeira Livre observada nas crianças desta faixa etária?
5. A brincadeira livre é um bom contexto para detetar sinais de alarme no domínio da comunicação e linguagem?

Esta dissertação vai abordar, através dos dados de observação direta, a importância da brincadeira nos espaços exteriores e as interações das crianças nas brincadeiras livres.

3.2. Paradigma

Para a realização desta dissertação foram utilizados os métodos de investigação quantitativo e qualitativo como forma de observação dos comportamentos e interações evidenciados em situação de BL no contexto de creche.

O paradigma positivista pode definir-se como:

O estudo da realidade social utilizando o enquadramento conceptual, as técnicas de observação e medição, os instrumentos de análise matemática e os procedimentos de inferência das ciências naturais (Moreira, 2007 citado por Bicacro 2011).

Segundo Fernandes (1991) citado por Costa (2012) refere que o método quantitativo é:

Conhecido por ter algumas vantagens, entre as quais, a análise direta dos dados obtidos, permitindo uma análise entre diferentes variáveis, bem como o cálculo da média para obtenção de dados mais precisos e objetivos. Por outro lado, o método quantitativo também é conhecido por ter algumas desvantagens, entre elas a dificuldade do investigador conseguir manipular as variáveis e as relações entre elas, logo o conceito de controlo é uma das grandes limitações deste método” (p.24).

O método quantitativo baseia-se no positivismo, Fernandes (1991) citado por Bicacro (2011) afirma que *existe uma realidade objetiva que o investigador tem de ser capaz de interpretar objetivamente, cada fenómeno deverá ter uma só interpretação objetiva e científica.*

O ato de conhecer está condicionado pelas circunstâncias sociais e culturais e pelo quadro teórico em que se situam.

O método qualitativo, como refere Aires (2011), não contém um conjunto fechado de metodologias próprias. Os investigadores qualitativos recorrem a várias técnicas de investigação, como é o caso da observação.

“A investigação qualitativa é uma perspetiva multimetódica que envolve uma abordagem interpretativa e naturalista do sujeito de análise” (Denzin & Lincoln, 1994 citado por Aires, 2011) (p.14).

De acordo com Cavaye (1996), citado por Martins e Belfo (s.d), esta investigação está interessada em apurar os significados e o entendimento de um determinado fenómeno, não se preocupa na sua medição em primeiro lugar.

Assim, os métodos qualitativos estão associados a uma pesquisa baseada em contacto pessoal, com dados verbais e observações.

Os métodos qualitativos e quantitativos não se excluem, embora difiram quanto à forma. Neste caso, os dois métodos complementam-se, o que se traduz numa melhor compreensão do estudo (Neves, 1996).

3.3. *Design* do estudo

Este estudo é naturalista, ou seja, é realizado no contexto do acontecimento e com os atores que interagem naturalmente sem se aperceberem que estão a ser observados. Este é um estudo observacional.

É interpretativo, porque é feita uma interpretação dos dados recolhidos na análise naturalista.

3.4. Participantes/Amostra

Este estudo foi desenvolvido numa creche, com um grupo de dezassete crianças de 2 e 3 anos de idade: sete do sexo masculino e dez do sexo feminino. Esta amostra é não aleatória, é de conveniência e não é representativa da realidade nacional.

Para a realização desta investigação, foi necessária a autorização da Direção da creche. Foi também necessária a autorização da educadora da sala e dos pais das crianças e, para esse efeito, foi redigida uma folha de informação autorizada pela Direção (anexo 2).

3.5. Instrumentos de recolha de dados

3.5.1. Construção do instrumento

Embora encontremos na literatura orientações no sentido de utilizarmos instrumentos de observação já estruturados, não foi possível encontrar grelhas de observação comportamental que conseguissem responder às questões do nosso estudo pelo que se procedeu à elaboração de uma grelha para este efeito (anexo 1).

De acordo com as descrições da literatura e com a prática educativa desenvolvida pela investigadora, construiu-se uma lista de comportamentos mais evidenciados pelas crianças no período de BL e procedeu-se à sua análise. Os comportamentos mais notórios por parte do grupo foram.

- Aponta para partilhar um interesse.

Nesta categoria identificámos situações como apontar para um amigo; apontar para mostrar os sapatos; apontar para um brinquedo (barco de madeira).

- Aponta para pedir algo.

Nesta categoria foi identificada apenas uma situação, apontou para um amigo, chamando-o para brincar com ele.

- Pede ajuda ao colega.

Nesta categoria, verificou-se que, em situação de brincadeira, as crianças desta faixa etária ainda não pedem muito a ajuda dos colegas.

- Pede ajuda ao adulto.

Nesta categoria, identificámos situações de pedir para calçar os sapatos, pedir para ir à casa de banho e pedir um brinquedo (mota).

- Volta-se quando é chamado pelo seu nome.

Nesta categoria, incluíram-se situações em que a criança se voltava quando era chamada pelo seu nome por um colega ou adulto, orientando-se para estes.

- *Estabelece contacto ocular com o colega.*

Sempre que a criança brinca com alguém, entrega um brinquedo ou fala olhando para o colega, consideramos que estabelece contacto ocular.

- *Faz de conta usando um objeto.*

Nesta categoria, a criança brinca com caixas fazendo de carro, dados de pano dos bebês para fazer construções e brinca com um cavalo.

- *Com um objeto na mão mostra-o a alguém.*

Podemos verificar neste ponto que as crianças mostram os brinquedos com que brincam, por exemplo, os bonecos, os cavalos, um bocado de palha que encontrou no chão;

- *Observa outras crianças.*

Nesta categoria as crianças observam as brincadeiras de outros, sem intervir;

- *Inicia a interação*

Incluíram-se nesta categoria os comportamentos relacionados com o iniciar uma interação, ou seja, uma conversa ou uma brincadeira.

- *Não responde*

Nesta categoria, identificámos situações de o adulto chamar a criança e ela não responder, os colegas chamarem ~~um amigo~~ e este não responder;

- *Bate/empurra.*

A situação que mais se observa nesta categoria é de uma criança tirar brinquedos e o colega empurrar;

- *Tira algo ao colega.*

Verificou-se que as crianças tiram brinquedos aos colegas quando têm interesse nele.

- *Brinca sozinho.*

Identificámos crianças que brincam sozinhas com os brinquedos;

- *Não interage.*

Observou-se que as crianças que não interagiam gostavam de observar outras crianças;

- *Usa gestos enquanto brinca.*

Considerámos nesta categoria os comportamentos evidenciados pelas crianças quando usavam gestos para se expressarem ao longo da sua brincadeira.

- *Brinca com um ou mais colegas.*

Constatou-se neste ponto que as crianças brincam ao *faz de conta* juntas, gostam de correr de um lado para o outro todos juntos e brincar com brinquedos;

- *Expressão facial.*

Nesta categoria, verificou-se que as crianças usam a expressão facial para mostrar quando estão contentes, tristes, aborrecidas, assustadas ou eufóricas.

- *Responde ao adulto.*

Observou-se que as crianças respondiam às questões colocadas pelos adultos.

Considerou-se também pertinente ter em consideração que 5 crianças tinham já uma frequência superior a 12 meses na creche.

3.6. Recolha de dados

A recolha de dados foi feita ao longo de 5 dias úteis consecutivos, de dia 25 a 29 de Maio de 2015, nos tempos livres sem orientação direta dos adultos.

Esta recolha e análise foi feita apenas para as crianças cujos pais haviam autorizado.

Foram observados 30 minutos por dia de interação de BL no espaço exterior, dando um total de 150 minutos de observação. As imagens foram registadas pela investigadora, em suporte audiovisual.

Através das imagens recolhidas, foram analisados os itens acima referidos para verificar a frequência dos comportamentos, a fim de se conseguir chegar aos resultados.

3.7. Tratamento e análise de dados

Para este estudo, foi utilizado o programa Excel, versão 2007, para construção da folha de registo de frequências das interações e brincadeiras das crianças.

Os dados foram introduzidos e tratados no programa “*Statistical Package for Social Sciences*” (SPSS - IBM versão 21).

Seguidamente, foi feita uma análise de conteúdos, para dar início ao tratamento dos dados recolhidos. Bardin (1995) citado por Ludovico (2007), afirma que *a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção dessas mensagens.*

Esta análise foi realizada consoante o que os diferentes autores afirmam sobre as diferentes características das interações das crianças na faixa etária dos 2-3 anos.

Primeiro, na grelha elaborada no *excel*, foi feito o registo das frequências dos comportamentos evidenciados pelas crianças durante os 150 minutos do vídeo.

A seguir, foram introduzidos os dados no SPSS para se proceder à sua análise: Análise univariada (descritiva) e bivariada (correlacional).

Na análise univariada, existe uma única variável dependente e utilizam-se as medidas de tendência central (desvio-padrão, máximo e mínimo) e frequência (média, moda, mediana).

Na análise bivariada, inclui-se o método de análise de duas variáveis.

Aplicou-se coeficientes de correlação de Pearson (se distribuição normal) e de Spearman (se não normal). Foram consideradas significativas correlações com grau de significância inferior a 0,05 e muito significativas se grau de significância inferior a 0,001.

3.8. Caracterização do espaço

3.8.1. Recolha de imagens

A recolha de imagens foi feita no espaço exterior nas instalações da creche, com um recreio de aproximadamente 50m².

Estavam presentes todas as crianças da creche no recreio.

As crianças tinham à sua disposição motas, triciclos e brinquedos variados (bonecos, cavalos, dados de pano, caixas de arrumação, legos, entre outros).

Este espaço tem 4 bancos de cimento, o chão é de cimento com uma estrada desenhada para brincarem com os carros.

Tem 3 bancos de madeira que também servem de arrumação dos brinquedos.

Existem 2 tapetes com almofadas para as crianças se poderem sentar.

4. Resultados e discussão

Numa primeira parte, serão apresentados os resultados que dizem respeito à caracterização da amostra.

Na segunda parte, apresentar-se-á a análise da grelha de comportamentos observados em brincadeira livre.

Na terceira e última parte, apresentar-se-ão os resultados das correlações verificadas no estudo correlacional.

A investigação foi feita com 7 rapazes e 10 raparigas, sendo que a criança mais nova tinha 24 meses e a mais velha 44.

Neste grupo, 3 crianças tinham até 30 meses, 10 crianças estavam entre os 30 meses e os 40 e 4 crianças encontravam-se com uma idade superior a 40 meses.

Segue-se a apresentação dos resultados:

Aponta para partilhar um interesse

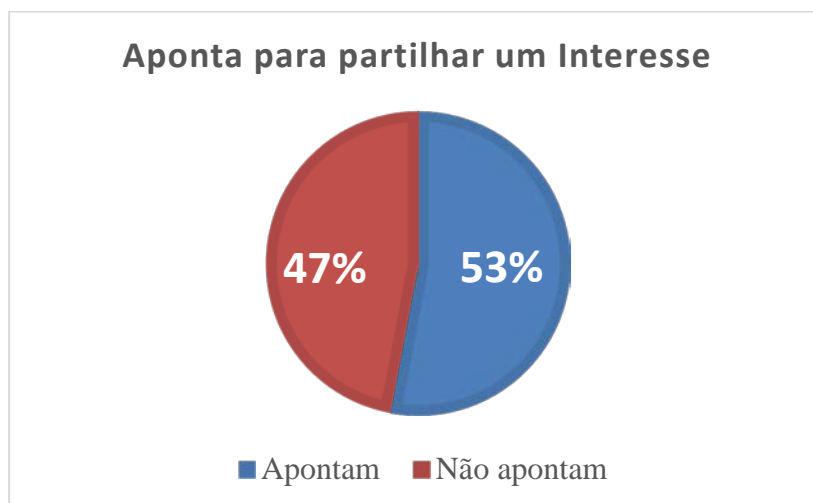


Figura 1- Aponta para partilhar um interesse

Com este gráfico verificámos que, durante o tempo de filmagem, sensivelmente metade aponta e outra metade não aponta.

Não se verificaram diferenças significativas entre as crianças mais velhas e as mais novas.

Podemos ainda verificar que algumas crianças gostam de mostrar o que têm vestido ou calçado aos adultos, outras gostam de mencionar onde estão os colegas ou algum brinquedo do seu interesse que o colega esteja a brincar, como as motas, por exemplo.

Aponta para pedir algo

O comportamento “Aponta para pedir algo” neste contexto de BL, foi escassamente observado neste grupo de crianças, apenas uma menina apontou para indicar onde estava a colega com quem mais tinha relação pedindo para ela ir brincar.

Ajuda o colega

Não foram encontrados comportamentos de “Ajuda o colega”.

Este comportamento vai ao encontro de Piaget (1982) e Rigolet (2000) quando afirmam que a criança ainda se encontra muito auto-centrada e não desperta para as necessidades dos seus pares.

Pede ajuda ao colega

À semelhança da dimensão anterior, não se observou este comportamento neste grupo. Neste comportamento ainda está evidenciado o egocentrismo de que Piaget (82) nos fala.

Neste contexto de brincadeira, não se observaram comportamentos de pedir ajuda porque dispõem de tudo o que precisam e realizam em autonomia o que querem realizar.

Pede ajuda ao adulto

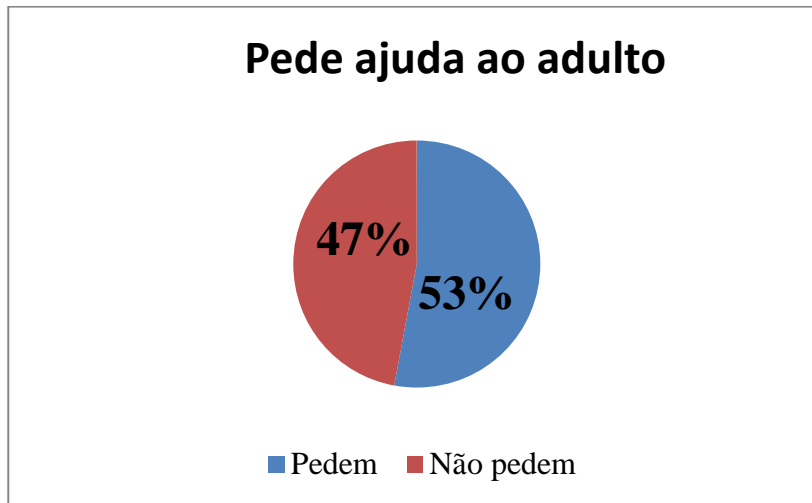


Figura 2- Pede ajuda ao adulto

Podemos verificar que não há diferença significativa entre a percentagem 53% que a criança pede ajuda ao adulto e a que não pede (47%).

Este comportamento foi mais evidenciado na resolução de conflitos de brinquedos, por exemplo, a criança dirigia-se ao adulto a pedir atenção porque o colega lhe tirou o brinquedo que ela tinha.

Volta-se quando é chamado pelo seu nome

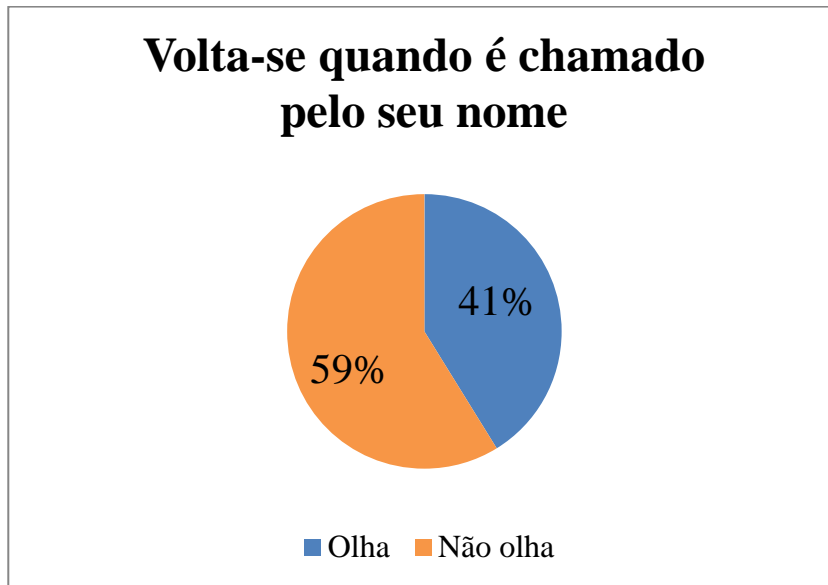


Figura 3- Volta-se quando é chamado pelo seu nome

Algumas crianças nesta faixa etária ainda não olham quando os adultos ou colegas as chamam.

Onze crianças não olharam quando foram chamadas pelo nome em contexto de BL.

Este comportamento acontece mais quando as crianças estão entretidas com um brinquedo ou com outros colegas e não dão atenção ao que está a acontecer à sua volta.

Estabelece contacto ocular com o colega

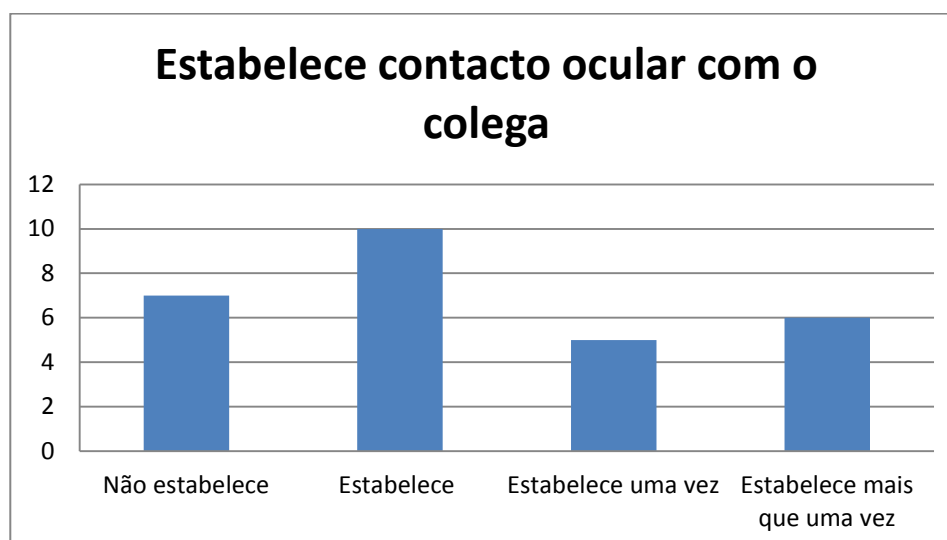


Figura 4- Estabelece contacto ocular com o colega

O número de crianças que estabelece contacto ocular com o colega (10), é superior ao que não estabelece (7), verifica-se também que há mais crianças a estabelecer contacto mais que uma vez com os colegas, em contexto de BL.

Estas crianças brincam muito através do contacto visual e a expressão facial surge juntamente com este comportamento, as crianças riem mais mostrando situações de alegria e contentamento.

Faz de conta usando um objeto

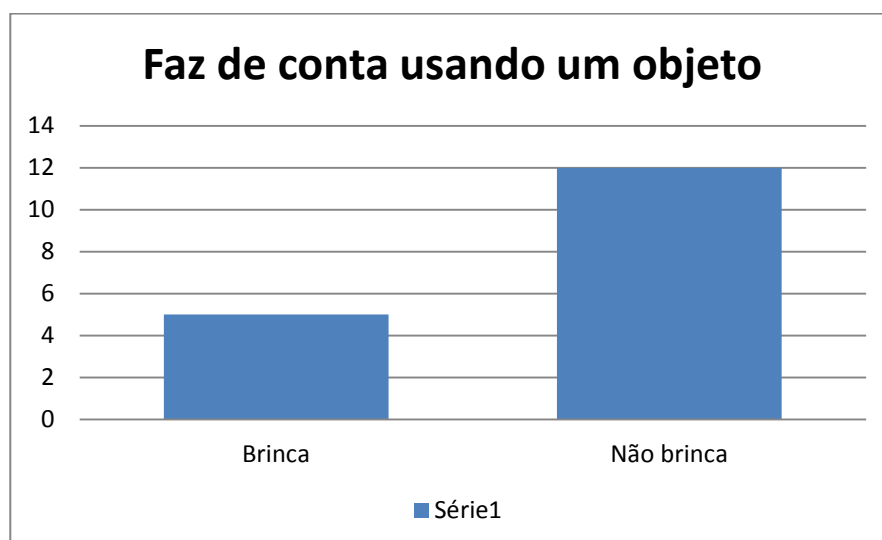


Figura 5- Faz de conta usando um objeto

Observamos que existem nesta amostra poucas crianças a brincar ao *faz de conta* com brinquedos. Podem-se observar brincadeiras como: usar o carrinho de mão para fazer de cama dos bebês, usar uma caixa de guardar brinquedos e uma peça de lego para servir de carro.

Nas restantes brincadeiras não foram utilizados objetos, preferindo idealizar brincadeiras em grupo, tais como: corridas de um lado para o outro, fugirem uns dos outros, imaginando que uma criança é o monstro e as outras têm de fugir.

Nos exemplos acima referidos podemos constatar que este grupo, apesar de não utilizar muito os brinquedos existentes no recreio para brincar, não estão alheados da realidade, num mundo só seu. Há muitas crianças que gostam de observar os amigos a brincar e gostam de comentar as brincadeiras com os adultos e quando os colegas as chamam, elas participam no momento e depois saem da brincadeira. Quando são brincadeiras sem objetos, elas costumam participar.

Só existe uma criança neste grupo que não brinca ao *faz de conta*, nem estabelece interação com outras crianças. Brinca sozinho o tempo todo dos recreios, só com as motas ou sem objetos.

Com um objeto na mão mostra-o a alguém

Sete crianças deste grupo gostam de mostrar os brinquedos que têm e até de chamar alguém para a brincadeira. As restantes gostam mais de brincar ao *faz de conta* sem objetos ou de observar brincadeiras.

Observa outras crianças

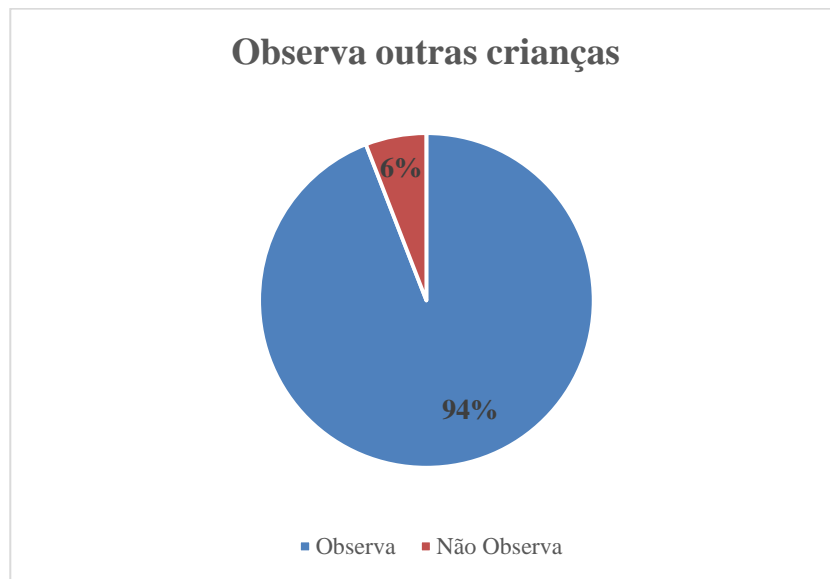


Figura 6- Observa outras crianças

Este grupo de crianças, independentemente da idade, gosta de observar os amigos nas suas brincadeiras livres.

A criança que está mais destacada no grupo, que apresenta comportamentos diferentes das outras crianças, como por exemplo, brinca com um ou mais colegas, também prefere observar os colegas, mas raramente interage.

A única criança que apresenta o comportamento contrário, gosta de brincar sozinho, está sempre no seu mundo e tem dificuldades de partilha de brinquedos ou até mesmo de alguém se juntar à sua brincadeira, mas ele junta-se à dos outros.

Inicia a interação

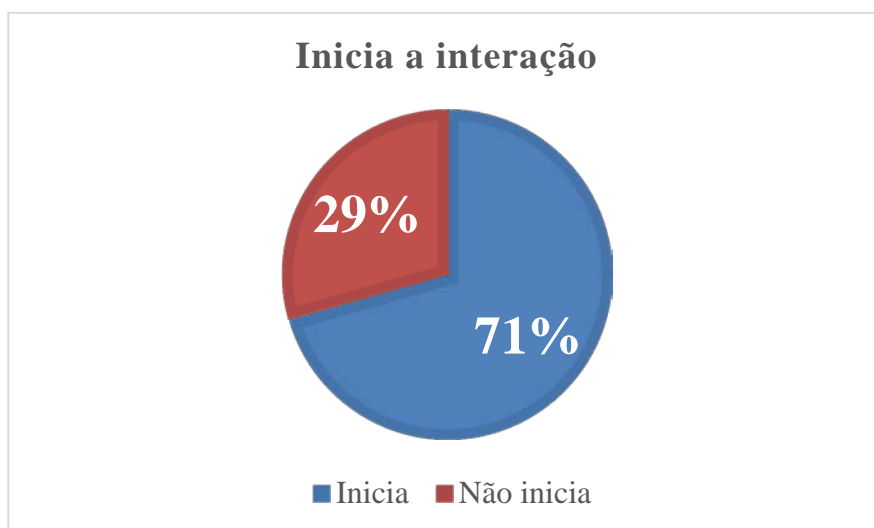


Figura 7- Inicia a interação

Setenta e um por cento das crianças deste grupo, principalmente as mais velhas, gostam de iniciar a interação tanto com os adultos como com os colegas. No recreio, as crianças mais velhas vão ter com as mais novas e começam as brincadeiras na maioria das vezes ao *faz de conta*.

As crianças neste ponto gostam mais de iniciar a interação com o adulto, falando sobre os colegas que faltaram à escola neste dia, ou da roupa que tem vestida e de comentar a brincadeira dos colegas.

Não responde

As crianças que não respondem quando os adultos a chamam são as que gostam de observar os amigos a brincar.

Bate/empurra

Este comportamento não foi frequente neste grupo de crianças. Apenas houve três comportamentos desta natureza e foi devido a tirar os brinquedos.

Tira algo ao colega

São poucas as crianças que gostam de tirar brinquedos aos colegas, mas observa-se esta atitude algumas vezes com algumas crianças.

Brinca sozinho

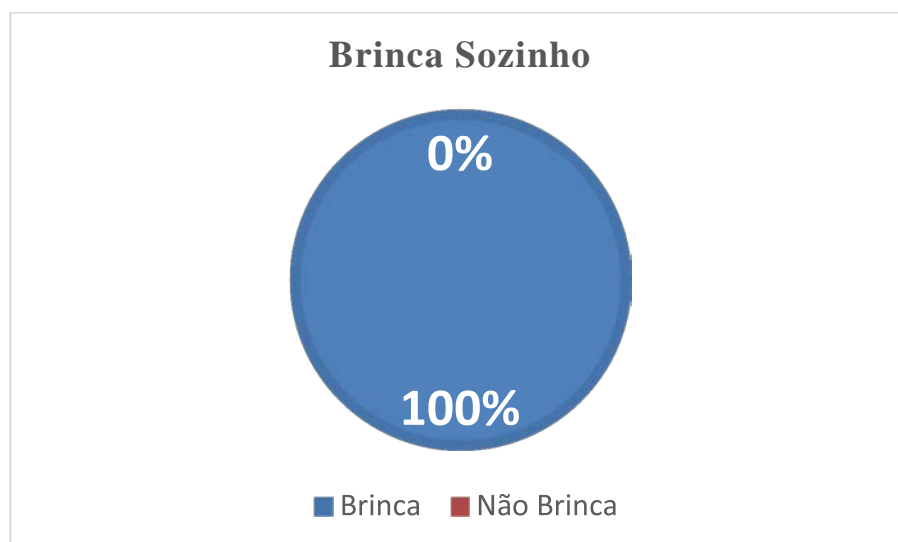


Figura 8- Brinca sozinho

Todas as crianças deste grupo, independentemente da sua idade, gostam de ter momentos de BL sozinhas.

Não interage

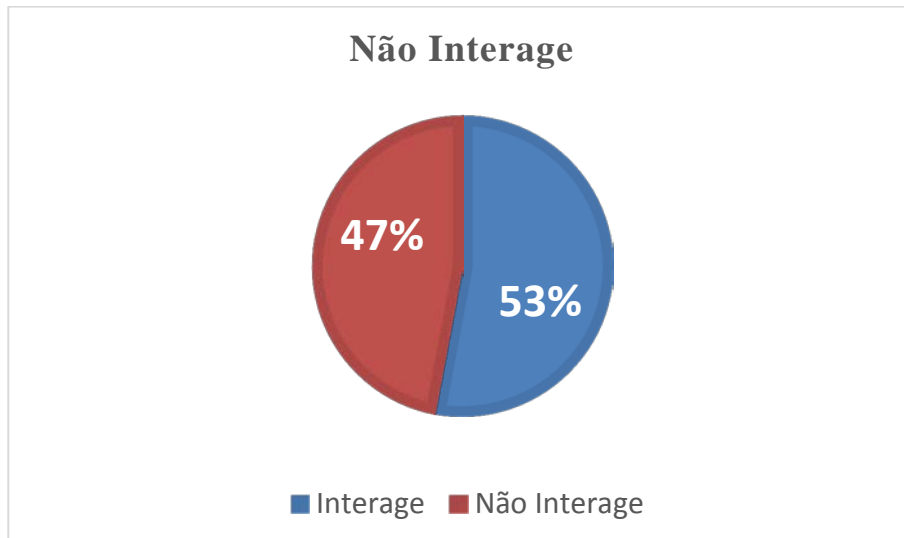


Figura 9- Não Interage

Podemos observar através do gráfico circular que a diferença entre as crianças que interagem e as que não interagem não é significativa.

As crianças brincam a pares ou a grupos de 3 ou mais crianças, brincam ao *faz de conta* ou com objetos de recreio legos, caixas, carrinho de mão, etc.

As crianças que não interagem gostam de observar as outras crianças em contexto de BL no exterior.

Usa gestos enquanto brinca

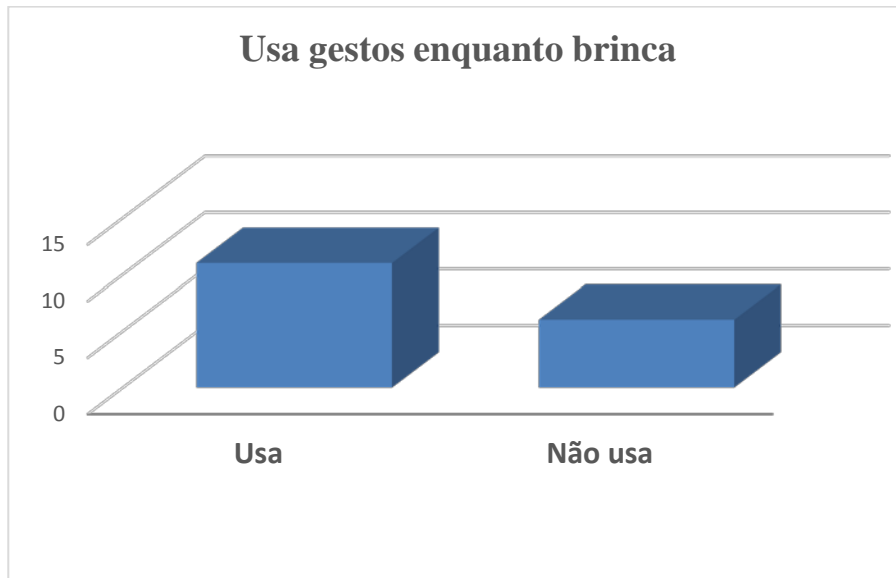


Figura 10- Usa gestos enquanto brinca

São mais as crianças que utilizam gestos nas suas brincadeiras do que as que não usam. Normalmente, o gesto mais utilizado em BL nesta idade é o *Apontar para partilhar um interesse*.

Brinca com um ou mais colegas

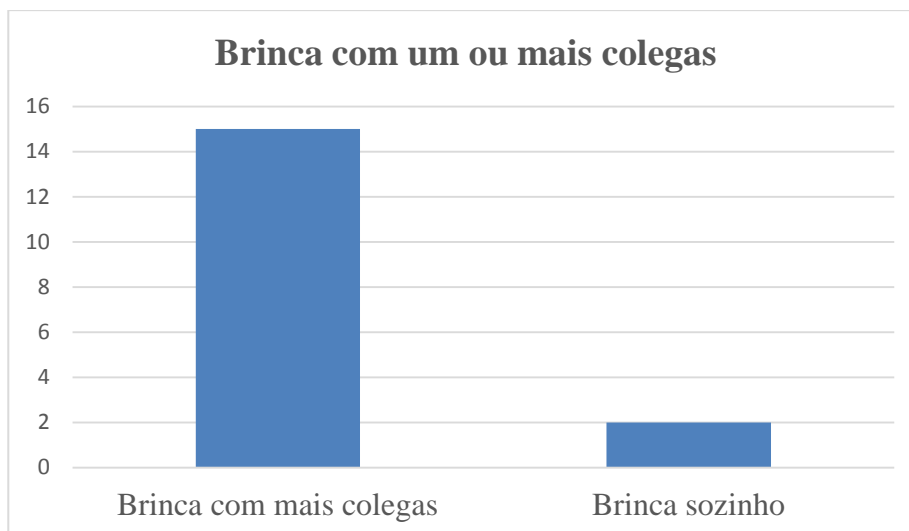


Figura 11- Brinca com um ou mais colegas

Podemos verificar que 15 crianças deste grupo gostam de brincar com um ou mais colegas, andando sempre em grupo e chamando os colegas quando reparam que estes estão a brincar sozinhos.

Expressão facial

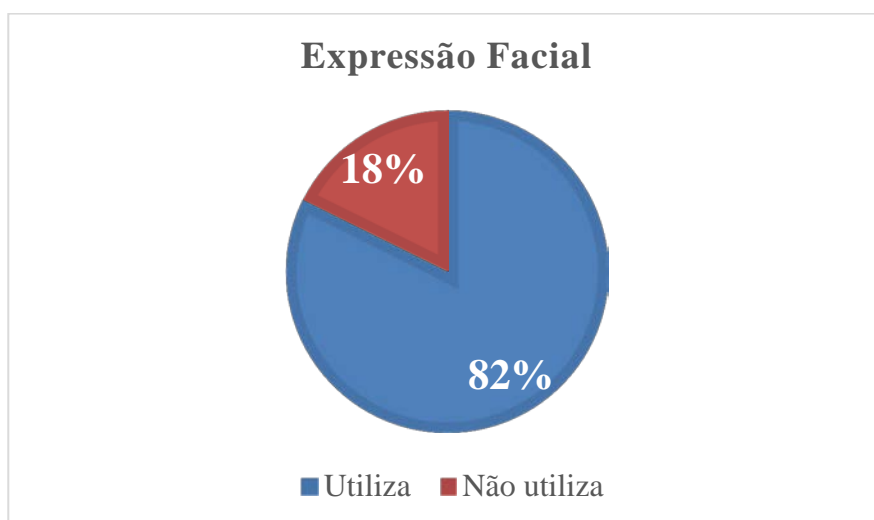


Figura 12- Expressão Facial

Podemos verificar que a idade não influencia o uso da expressão facial, ou seja, as crianças nesta faixa etária utilizam muito este tipo de comportamento para expressar contentamento e desagrado com alguma situação.

Como refere Borges (1987) citado por Costa (2012), com base na teoria de Piaget, é importante referir que devemos considerar que a linguagem se subdivide em diferentes domínios: a criança pode demonstrar contentamento/desagrado através da expressão facial (olhos, a expressão da face), da corporal (manifestando desagrado/alegria com os braços, puxar para si o objeto) e da linguagem verbal (o vocábulo “não”). Estas expressões foram todas verificadas nas interações das crianças.

Responde ao adulto

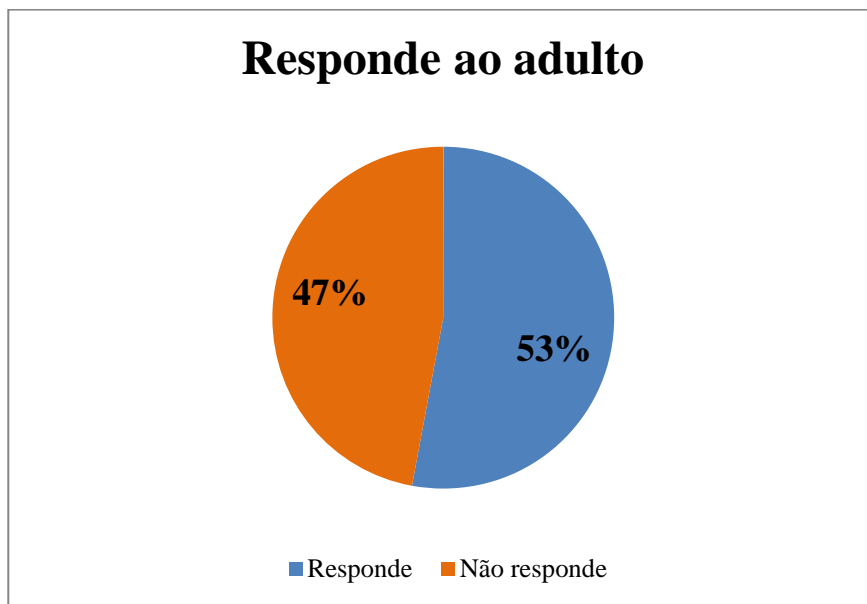


Figura 13- Responde ao adulto

Não existe diferença significativa entre o número de crianças que respondem ao adulto comparativamente aos que não respondem.

Seguidamente estabeleceram-se associações entre as variáveis de distribuição normal e não normal.

Freire (2008) diz que se consegue ir para além da simples descrição dos fenómenos, pois consegue-se estabelecer relações entre as variáveis, quantificando as relações.

Das variáveis em apreciação, algumas não tinham uma distribuição normal, por isso foi necessária a utilização de testes não paramétricos.

Não se encontrou qualquer correlação da variável “idade em meses” e qualquer outra variável. Os comportamentos evidenciados aos 2 anos não são significativamente diferentes dos das crianças de 3 anos.

Encontrou-se uma associação entre a variável sexo e a variável “brinca com um ou mais colegas” ($r = 0,707$, $p = 0,002$), ou seja, as meninas apresentam mais frequentemente o comportamento de brincar em grupo quando comparadas com os rapazes.

Constatámos a existência de uma associação entre a variável “faz de conta com um objeto” e a variável “tira algo ao colega” ($r_s = 0,517$, $p = 0,019$), ou seja, neste grupo, as crianças que apresentaram mais comportamentos de fazer de conta com objetos tenderam a ser aquelas que apresentaram mais comportamentos de tirar brinquedos aos colegas.

Não existe, na literatura consultada, uma menção entre estas duas variáveis.

As crianças poderão ser mais criativas e utilizar os brinquedos para brincar ao *faz de conta* chamando a atenção dos colegas para imitarem e quererem o mesmo objeto, sendo alvo de conflito.

Encontrou-se correlação entre as variáveis “aponta para partilhar um interesse” e “pede ajuda ao adulto” ($r = 0,794$ $p = 0,000$). Isto significa que, quem apontou para partilhar um interesse, neste grupo, tendeu mais a pedir ajuda do adulto, as crianças desta amostra apresentam uma comunicação intencional em contexto de BL. Requerem atenção e interação do adulto, sendo isso uma forma de partilhar interesses e estabelecer diálogo (Aquino e Salomão, 2011).

Constatou-se uma associação entre as variáveis “Aponta para pedir algo” e “Bate/empurra” ($r_s = 0,499$, $p = 0,041$) os comportamentos de apontar para pedir estão associados a bater e empurrar.

Nesta fase egocêntrica, é frequente o apontar para pedir e, com esse pedido, aumenta também a probabilidade de o próprio pedido não ser respondido.

Encontrou-se a associação entre as variáveis “Pede ajuda ao adulto” e “com um objeto na mão, mostra-o a alguém” ($r = 0,774$ $p = 0,000$), ou seja, quem pede ajuda ao adulto tende a mostrar mais os objetos que tem na mão para brincar. Nesta idade, as crianças gostam de estabelecer comportamentos comunicativos, tanto com os adultos como com os outros colegas.

Verificou-se uma associação entre as variáveis “Volta-se quando é chamado pelo nome” e “Responde ao adulto” ($r_s = 0,542$ $p = 0,025$). As crianças que mais respondem quando são chamadas pelo seu nome tendem a manifestar mais comportamentos de resposta ao adulto.

Observa-se uma associação positiva entre as variáveis “Estabelece contacto ocular com o colega” e “Bate/empurra” ($r = 0,698$ $p = 0,002$), podendo ser interpretado

que as crianças que apresentam mais comportamentos de contacto visual com os colegas tenderão a bater e empurrar mais frequentemente.

Não encontramos referências na literatura a esta relação entre estes dois comportamentos, mas poderá ser explicada pelo facto de, muitas das interações estabelecidas entre estas crianças envolvendo o contacto visual terem na sua base o desejo de reivindicação de algo e, portanto, aumentar bastante a probabilidade de ocorrência de um conflito.

Encontrou-se uma associação entre a variável “Com um objeto na mão, mostra-o a alguém” e “Idade em meses” ($r_s = 0,498$ $p = 0,042$), ou seja, quanto mais velha for a criança mais tenderá a mostrar o objeto que tem.

Verifica-se com as variáveis “Observa outras crianças” e “Não interage” ($r = 0,582$ $p = 0,014$) uma associação positiva: as crianças que mais observam as brincadeiras e as interações dos colegas, não interagem com os amigos ficando apenas a observar. Também no mesmo comportamento, verificou-se que quem observa outras crianças apresenta maior frequência de comportamentos de “Apontar para partilhar interesses” ($r = 0,577$ $p = 0,015$).

Não se encontrou qualquer correlação da variável “Inicia a interação” com qualquer outra variável.

Observou-se uma correlação positiva entre os comportamentos “Não responde” e “Brinca sozinho” ($r_s = 0,496$ $p = 0,043$), ou seja, quando a criança não responde, tende a apresentar mais jogo solitário. Este comportamento está descrito como característica fortemente presente nas problemáticas da comunicação e relação e deve gerar atenção por parte do educador (Mastrangelo, 2009).

Não se encontrou qualquer correlação da variável “Não olha quando é chamado” com qualquer outra variável.

Não se encontrou qualquer correlação da variável “Usa gestos enquanto brinca” com qualquer outra variável.

Não se encontrou qualquer correlação da variável “expressão facial” com qualquer outra variável.

5. Limitações

Este estudo teve algumas limitações, tais como: deveria ter sido mais longo, com maior tempo de observação e ter uma fase piloto, para podermos testar os instrumentos e analisar os dados.

Teria sido enriquecedora, do ponto de vista da investigação, a realização de um questionário aos pais sobre as BL das crianças depois de saírem da creche. Contudo, tal não foi possível por constrangimentos de tempo.

Se o tempo não fosse escasso, tinha sido interessante fazer uma exploração dos comportamentos verificados dentro de uma sala em contexto de BL comparativamente com os do espaço exterior.

Uma limitação do ponto de vista metodológico que constatámos é o facto de não ter sido possível, por motivos técnicos e logísticos, proceder ao visionamento do filme segundo a segundo, à semelhança de outros estudos de natureza semelhante.

No nosso caso, optou-se por analisar a frequência das ocorrências dos comportamentos, sem ter em conta a sua duração, o que pode ter introduzido algum viés no apuramento dos resultados.

6. Considerações finais

Sabemos que as brincadeiras sofreram imensas alterações ao longo do tempo.

Hoje praticamente todas as crianças têm os seus brinquedos preferidos, arranjando conflitos com os amigos quando estes possuem os brinquedos que a outra criança mais gosta de brincar.

Ao realizar esta investigação, pretendemos conhecer melhor a importância dos comportamentos das crianças nas suas brincadeiras e interações em contexto de BL.

Este estudo foi implementado apenas no espaço exterior com o objetivo de observar as interações e brincadeiras das crianças em BL na promoção do seu desenvolvimento.

As crianças neste espaço sentem-se libertas, no seu mundo e evidenciam comportamentos que noutra contexto não seria possível observar.

A brincadeira decorre do contexto sociocultural. O significado construído pela criança sobre a utilidade de determinados objetos e da sua manipulação em certas brincadeiras não é estático.

Partindo das análises desenvolvidas no quadro de referência teórico, a investigação decorreu no sentido de dar resposta às questões e objetivos iniciais para daí podermos extrair algumas conclusões e por conseguinte chegar às reflexões finais.

É fundamental que cada vez mais a promoção da BL no espaço exterior seja implementada nas escolas, num período no mínimo de 30 minutos em cada intervalo, as crianças precisam de socializar, de partilhar interesses, de gerir conflitos entre elas, sobretudo precisam de crescer num ambiente livre que permita as interações espontâneas e que, contrariamente à perspectiva de algumas correntes e estabelecimentos, as crianças devem usufruir da BL no espaço exterior diariamente.

7. Bibliografia

- Aires, L. (2011). Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional. Universidade Aberta.
- Aquino, F. S. B. & Salomão, N. M. R. (2011). *Intencionalidade Comunicativa e Atenção Conjunta: Uma Análise em Contextos Interativos Mãe-bebê*. Universidade Federal da Paraíba. Brasil.
- Araújo, M. V. M. , et al. (2010). *Avaliação do Vocabulário Receptivo de Crianças Pré-escolares*. Estudo psicologia. vol.27 no.2 Campinas.
- Backes, B. B, et al.(s.d). *Comportamentos Comunicativos Não Verbais em Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Brasil
- Brazelton, T. B. (2006). *O Grande Livro da Criança: O Desenvolvimento Emocional e do Comportamento Durante os Primeiros Anos*. Editorial Presença
- Bicacro, I. (2011). *Investigação Educacional*. Portfólio no âmbito da UC de investigação educacional do MSVP da Universidade Aberta.
- Carvalho, S. D. G. (2011). *Brincar no Recreio Colorido: Um Projeto de Intervenção no Contexto Pré-Escolar*. Mestrado em Educação Pré-escolar. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.
- Castelo, T., & Fernandes, B. (2009). *Sinais de Alarme em Desenvolvimento*. Artigos Originais Saúde Infantil
- Cordazzo, S. T. D. & Vieira, M. L. (2007). *A Brincadeira e suas Implicações nos Processos de Aprendizagem e de Desenvolvimento*. Estudos e pesquisas em psicologia.
- Costa, F. (2012). *Representações de Egocentrismo (Jogo Simbólico e Linguagem) numa Sala de 2 anos Durante as Atividades Livres*. Dissertação de Mestrado em Educação Pré-escolar. Instituto Superior Politécnico Gaya
- Dallabona, S. (s.d). *O Lúdico na Educação Infantil: Jogar, Brincar uma Forma de Educar*. Curso de especialização em psicopedagogia instituto catarinense de pós-graduação.
- Duarte, M. G. (2013). Dissertação de Mestrado. *A Importância dos Sistemas Aumentativos e Alternativos da Comunicação (SAAC), como Estímulo da Linguagem da Criança no Jardim de Infância*. Lisboa: ESEAG – Escola Superior de Educação Almeida Garrett.
- Fantacholi, F. D. N.(2011). *O Brincar na Educação Infantil: Jogos, Brinquedos e Brincadeiras - Um Olhar Psicopedagógico*. Revista científica aprender 5ª Ed. (acedida em 1/08/2015).
- Fonseca, A. R. (2011). Dissertação de Mestrado. *Compreensão e Produção de Orações Relativas por Crianças com Perturbação Específica do Desenvolvimento da Linguagem*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, IPS.

- Freire, T. & Almeida, S. A. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia e Educação*. Psiquilíbrios Edições.
- Galante, A. C. A. (2015). *O Brincar Espontâneo em Contexto de Creche e Jardim de Infância. Concepções e Práticas*. Instituto Politécnico de Setúbal Escola Superior de Educação. Mestrado em Educação Pré-Escolar.
- Hage, S.R.V & et al. (2012). *Protocolo de Observação Comportamental – Proc: Valores de Referência para uma Análise Quantitativa*. Rev. CEFAC
- Hofmann, M. C. (2012). *A Conceção de Infância na Modernidade: A Importância de se Conhecer a Criança*. Universidade de Santo Amaro, Curso de Pedagogia. São Paulo.
- Lira, N. A., & Rubio, J. A. (2014). *A Importância do Brincar na Educação Infantil*. curso de pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da FAC-São Roque: Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 5 – nº 1.
- Ludovico, O. M. (2007). *Educação Pré-escolar: Currículo e Supervisão*. Editorial Novembro.
- Lusa, A. (2013). Porto Canal. *Brincadeiras ao Ar Livre Tornam Crianças Mais Felizes, Criativas e Saudáveis*. Acedido em 12/08/2015 em <http://portocanal.sapo.pt/noticia/3721/>.
- Mário, C. (2000). *O Livro da Criança: Do 1 aos 5 anos*. 2ª Edição. Editora: A esfera dos livros.
- Martins, J. C. L. & Belfo F. (s.d). *Métodos De Investigação Qualitativa Estudos de Casos na Investigação em Sistemas de Informação*. Proelium – revista da academia Militar. Universidade do Minho.
- Mastrangelo, S. (2009). *Play and the Child With Autism Spectrum Disorder: From Possibilities to Practice*. York University, International Journal of Play Therapy.
- Melo, A. I. (2005). *Dissertação de Mestrado : Emoções no Período Escolar: Estratégias Parentais Face à Expressão Emocional e Sintomas de Internalização e Externalização da criança* . Universidade do Minho.
- Nascimento, J. C. (2012). *A importância dos Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil*. Universidade Candido Mendes Pós-Graduação “Educação Infantil e Desenvolvimento”. Rio de Janeiro.
- Neves, J. L. (1996). *Pesquisa Qualitativa – Características, Usos e Possibilidades*. São Paulo.
- Pereira, S., & Limberger, M. J. (2014). *O Sentido do Brincar como Ato Educativo. Interdisciplinar*. Revista Eletrônica da UNIVAR , 71 - 76 .
- Queiroz, N., Maciel, D., & Branco, A. (2006). *Brincadeira e Desenvolvimento Infantil: um Olhar Sociocultural Construtivista1*. Universidade de Brasília.
- Rebelo, A. C. & Vital, A. P. (2006). *Desenvolvimento da Linguagem e Sinais de Alerta: Construção e Validação de um Folheto Informativo*. Re(habilitar) Revista da ESSA, nº2 Edição Colibri.

- Ribeiro, I. P. F. (2010). *Prática Pedagógica e Cidadania: Uma Interpretação Crítica Baseada na Ideia de Competência*. Dissertação de Doutorado no Ramo de Estudos da Criança. Universidade do Minho.
- Rigolet, S. A. (2000). *Os três P: Comunicação e Linguagem para uma Plena Expressão*. Porto: Porto Editora.
- Rosado, M. J. (2014). *A brincadeira como Promotora de Desenvolvimento: um Estudo Exploratório*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa Instituto de Educação.
- Salomão, H., & Martini, M. (2007). *Curso de Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional da FAC- São Roque*. o portal dos psicólogos.
- Schirmer, C. R. & et al (2004). *Distúrbios da Aquisição da Linguagem e da Aprendizagem. Artigo de Revisão*. Sociedade Brasileira de Pediatria.
- Serrão, E. (2009). *O Educador de Infância e o Jogo no Desenvolvimento da Criança*. Universidade de Lisboa faculdade de ciências departamento de educação .
- Sestini, A. E. (2008). *Interação Social e Comunicação na Primeira Infância*. Universidade de São Paulo Instituto de Psicologia.
- Silva, E. M. (2012). *A Contribuição da Brincadeira na Educação Infantil e no Desenvolvimento da Criança*. Acedido em 12/08/2015 em <http://www.webartigos.com/artigos/a-contribuicao-da-brincadeira-na-educacao-infantil-e-no-desenvolvimento-da-crianca/98070/>
- Silva, M. C. (2010). *Do Jardim - de - Infância ao Centro de Actividades de Tempos Livres: Representações das Crianças sobre o Brincar*. Dissertação de Mestrado Mestrado em Estudos da Criança Área de Especialização em Associativismo e Animação Sócio-Cultural. Universidade do Minho.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim & et al (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância*. Textos de Apoio para Educadores de Infância. Ministério da Educação. Lisboa.
- Teixeira, C. C. B. (2004). *A Importância do Lúdico na Educação Infantil*. Rio de Janeiro; Universidade Cândido Mendes.
- Vasconcelos, T. (1997). *Ao Redor da Mesa Grande*. Porto Editora.
- Vectore, C. (2003). *O brincar e a intervenção mediacional na formação continuada de professores de educação infantil*. Faculdade de Psicologia - Universidade Federal de Uberlândia .

Anexos

Comportamentos das crianças	Nº da criança	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Aponta para partilhar um interesse		0	0	0	2	0	1	1	15	3
Aponta para pedir algo		0	0	0	0	0	0	0	0	0
Ajuda o colega		0	0	0	0	0	0	0	0	0
Pede ajuda ao colega		0	0	0	0	0	0	0	0	0
Pede ajuda ao adulto		0	0	2	0	0	0	4	7	1
Volta-se quando é chamado pelo seu nome		0	2	2	0	1	4	4	0	0
Estabelece contacto ocular com o colega		0	1	3	0	0	1	1	1	1
Faz de conta usando um objeto (especificar o objeto)		0	0	1	2	0	0	3	0	1
Com um objeto na mão, mostra-o a alguém (especificar o objeto)		0	0	1	0	0	1	3	2	0
Observa outras crianças		13	5	4	0	6	3	1	23	10
Inicia a interação		0	0	7	4	0	2	1	4	2
Não responde		0	1	1	7	0	3	0	0	2
Bate/empurra		0	0	2	0	0	0	0	0	1
Tira algo ao colega		0	0	1	2	2	0	4	2	1
Brinca sozinho		1	6	6	10	9	6	3	2	14
Não interage		10	3	3	0	2	0	0	3	1
Usa gestos enquanto brinca		0	0	3	5	0	4	3	2	4
Brinca com um ou mais colegas		0	21	8	11	2	16	18	12	11
Expressão facial		0	1	4	2	3	1	6	2	6
Responde ao adulto		0	1	1	1	0	3	1	1	0
Problemática de desenvolvimento		0	0	0	0	0	0	0	0	0
Criança que frequenta a creche à mais de um ano		0	1	0	0	0	0	0	0	0

Comportamentos das crianças	Nº da criança	10	11	12	13	14	15	16	17	interações:
Aponta para partilhar um interesse		2	0	0	3	3	0	2	0	nº 2 e nº16 brincam muito juntas
Aponta para pedir algo		0	0	0	0	0	0	1	0	nº 16 Aponta para um amigo para irem brincar
Ajuda o colega		0	0	0	0	0	0	0	0	nº 13 aponta para mostrar os sapatos;
Pede ajuda ao colega		0	0	0	0	0	0	0	0	nº 13 Inicia a interação maior parte das vezes com o adulto
Pede ajuda ao adulto		1	1	2	1	3	0	0	0	nº 13 pede paracalçar os sapatos
Volta-se quando é chamado pelo seu nome		2	0	2	0	0	0	0	0	nº10 Fala com o adulto sobre os amigos que não estavam presentes
Estabelece contacto ocular com o colega		0	2	0	0	0	0	1	0	
Faz de conta usando um objeto (especificar o objeto)		0	0	4	0	0	0	0	0	nº 8 Mostra o vestido;
Com um objeto na mão, mostra-o a alguém (especificar o objeto)		0	2	1	1	0	0	0	0	Interage com o adulto
Observa outras crianças		3	10	2	12	3	3	3	19	Fala dos colegas com o adulto
Inicia a interação		6	4	2	9	2	0	3	0	nº12 brinca com uma caixa
Não responde		0	0	0	0	2	0	0	0	
Bate/empurra		0	0	0	0	0	0	1	0	nº3 partilha um brinquedo com o colega
Tira algo ao colega		0	0	0	0	0	0	0	0	
Brinca sozinho		4	7	3	7	8	4	3	10	nº7 brinca com caixa; peças de encaixe; Fita do cabelo;
Não interage		0	0	0	8	0	1	0	4	Pede para ir à casa de banho
Usa gestos enquanto brinca		5	3	0	1	1	0	1	0	nº6 não responde quando os amigos a chamam
Brinca com um ou mais colegas		12	7	23	7	9	0	20	2	brinca com um boneco
Expressão facial		1	1	4	3	0	0	4	8	nº4 aponta para um brinquedo (barco de madeira)
Responde ao adulto		0	2	1	0	0	0	2	0	nº9 Dados de pano; carrinho de mão
Problemática de desenvolvimento		0	0	0	0	0	0	0	1	nº14 Pediu uma mota
Criança que frequenta a creche à mais de um ano		0	0	1	1	1	0	1	1	nº 4 brinca com uma caixa fazendo de conta que é um carro;

